



Revista Brasileira de História das Religiões

ISSN
1983-2850

SÃO LUÍS-MA | VOLUME 18 | NÚMERO 53 | MAIO-AGOSTO 2025

RESENHA

 <https://doi.org/10.18764/1983-2850v18n53e26073>

CHEVITARESE, André Leonardo; JUSTI, Daniel
Brasil. **Jesus, O Mago**: um olhar (ainda)
negligenciado sobre Jesus de Nazaré. (1^a ed.).
Rio de Janeiro: Menocchio, 2024. 103p.

Daniel Soares Veiga

Professor Titular da Universidade Federal
do Rio de Janeiro (UFRJ), onde atua no
Programa de Pós-Graduação em História
Comparada do Instituto de História e
no Programa de Pós-Graduação em
Arqueologia do Museu Nacional.

 <http://lattes.cnpq.br/6808655301090296>

 <https://orcid.org/0000-0002-7471-6568>

 danisoavei@yahoo.com

RECEBIDO | 22 mar. 2025 – APROVADO | 7 ago. 2025



O livro aqui resenhado – Jesus, O Mago – é, na verdade, a materialização por escrito de um conjunto de lives apresentadas por dois grandes estudiosos dos temas do Jesus histórico e do cristianismo antigo: André Chevitarese e Daniel Justí. O mais interessante nesta obra é que por ela ser a transposição de exposições orais veiculadas pela internet (lives) entre dois pesquisadores para páginas impressas, a narrativa do livro acabou assumindo a forma de um diálogo entre os dois interlocutores, em vez de se configurar num texto linear repleto de referências e notas de rodapé. Este estratagema narrativo, além de original, permite que o leitor leigo faça uma leitura ágil e de fácil compreensão do que está sendo debatido.

Os autores introduzem o tema a partir de uma abordagem teórico-metodológica resumida, onde eles analisam a figura do Jesus histórico e do próprio cristianismo articulando os conceitos de mito, magia e religião. Os autores observam que a maioria das pessoas atualmente considera estes três termos distantes e desconectados entre si, no sentido de que religião (leia-se sobretudo a religião cristã) nada tem a ver com mito e magia. André Chevitarese e Daniel Justí comentam que, de maneira geral, as pessoas (em particular aquelas que professam o cristianismo) consideram que a sua religião é o produto cultural refinado e depurado de elementos mágicos e mitológicos. Para a maioria dos indivíduos, mito e magia são aspectos concernentes a civilizações do passado e, portanto, “atrasadas e primitivas”, enquanto que o cristianismo é fruto da razão e do pensamento racional.

Os dois pesquisadores alertam que esta visão preconceituosa advém do próprio processo de colonização imperialista efetuado pelos países europeus que, a fim de justificar o seu domínio sobre os outros povos (africanos, asiáticos e americanos), trataram as crenças destes povos como derivadas de mentes “primitivas”, supersticiosas, desprovidas do conhecimento científico inerente ao europeu “civilizado” e, por isso mesmo, conquistador. Tal pensamento preconceituoso tem a sua origem no Movimento Iluminista da Idade Moderna que, não por acaso, é contemporâneo da expansão do colonialismo europeu no seu ápice.

Buscando desconstruir esta visão de mundo, os autores apontam para diversos exemplos presentes no cristianismo que, lidos à luz de uma pesquisa historiográfica, deixam transparecer todo o seu viés mágico e mitológico. Sob uma perspectiva mitológica, só para citar um exemplo, as passagens nos evangelhos que narram o nascimento miraculoso de Jesus a partir de uma virgem não diferem dos relatos dos nascimentos milagrosos de personagens reconhecidamente mitológicos do politeísmo greco-romano, como Hércules e Perseu. Sob uma perspectiva mágica, há inúmeros gestos praticados cotidianamente por cristãos de várias designações que, num prisma antropológico, possuem uma conotação mágica, ainda que seus adeptos não tenham consciência disso. Como exemplos, os autores mencionam o fato de muitos cristãos colocarem uma bíblia aberta de frente para a porta de entrada de suas casas ou colarem a imagem de um santo no vidro traseiro dos automóveis como forma de obter proteção divina. Estes apontamentos que os autores fazem constitui um esforço para despertar no leitor cristão a consciência de que sua crença não é superior e nem melhor que as demais e, até por esta razão, deve-se respeitar todas as religiões, o que inclui as religiões de matriz africana, tão vilipendiadas por fundamentalistas cristãos.

André Chevitarese e Daniel Justí chamam a atenção para a existência de “filtros de leitura” (sic) que impedem que os cristãos em geral sejam capazes de perceber que todo o material bíblico, especialmente as narrativas evangélicas envolvendo Jesus, está permeado de ritos de magia. Tais “filtros de leitura” são, na verdade, interpretações teológicas sobre Jesus que prevaleceram

ao longo do tempo à medida que o cristianismo ia substituindo o politeísmo do Império Romano. É por esta razão que o Jesus que cura um cego em Mc 10:47, em vez de ser tratado como um mago ou feiticeiro; é ovacionado como “Filho de Davi”. Ora, Salomão era o filho de Davi e o único que se tornou realmente famoso na literatura hebraica. Ocorre que, como bem lembram os autores, Salomão era conhecido na mitologia judaica como alguém que detinha poderes sobre espíritos e sobre a própria natureza e cujos poderes derivavam do conhecimento de plantas e ervas, ou seja, tratava-se, portanto, de um mago.

Entretanto, referir-se a Jesus como um mago tornou-se por demais embaraçoso para as gerações posteriores de cristãos, haja vista que o adjetivo mago trazia a pecha de charlatão ou de alguém que extraía seus dons da manipulação de seres espirituais malignos, de demônios. Fazia-se mister, então, “purificar” Jesus vinculando a fonte do seu poder a uma origem divina. E a fórmula que os antigos cristãos encontraram para fazer isto foi traçar uma genealogia entre Jesus e Davi; o personagem que, segundo a bíblia, foi eleito por Deus para reinar sobre seu povo. Isto conferia a Davi e a toda a sua descendência (mesmo uma descendência fictícia, como no caso de Jesus) uma chancela divina para os seus poderes. Este caso é um bom exemplo de como a teologia se impôs sobre uma leitura e uma compreensão de quem foi o Jesus histórico.

Nesta toada de afastar Jesus de qualquer traço de magia operou-se um apagamento de fontes históricas, textuais e imagéticas, que reforçam justamente o oposto, isto é, de que Jesus e os primeiros cristãos estavam inseridos num ambiente mágico e que Jesus foi visto como um mago poderoso. Os autores elencam toda uma gama de documentação que corrobora esta aceitação de Jesus, nos seus primórdios, como um mago. Dentre elas, temos, por exemplo, afrescos em que Jesus é retratado segurando uma varinha mágica, amuletos (objetos associados justamente com o universo mágico) em que aparecem imagens e/ou o nome de Jesus e textos contendo fórmulas mágicas onde o nome de Jesus é mencionado, como os famosos Papiros Mágicos Gregos.

André Chevitarese e Daniel Justi denunciam como todo este acervo documental foi escamoteado na tentativa de se preservar a ideia de que nem Jesus, nem os cristãos apelaram para práticas mágicas, como se eles vivessem numa bolha protetora que os manteve imunes e os salvaguardou de compartilhar da herança cultural dos povos da bacia mediterrânica, onde magia e misticismo eram aspectos indissociáveis da existência dessas populações. Os referidos autores reforçam o quão errado é esta leitura cristã fundamentalista moderna a partir de um argumento perspicaz: as pessoas que iam até Jesus, não o procuravam para ouvi-lo dissertar sobre questões filosóficas; elas o procuravam na intenção de que ele pusesse um fim no sofrimento que as afligia na sua existência concreta, para que ele as curasse de suas enfermidades físicas e psíquicas.

Em suma, elas o procuravam e o seguiam porque o viam como o detentor de um poder mágico. Segundo os dois autores, esta afirmação é tão verdadeira que podemos ler no evangelho de Marcos o comentário atribuído a Jesus de que ele transmitiria aos seus discípulos a capacidade de beber veneno e de serem mordidos por serpentes, sem que nenhum mal lhes acontecesse. Se o evangelista colocou esta fala nos lábios de Jesus é porque ele sabia que a crença em dons sobrenaturais era algo que fascinava as pessoas que seguiam Jesus ou ouviam as histórias sobre ele. Significa que no pensamento mágico-mítico da bacia mediterrânica da época em que as primeiras gerações de cristãos viveram, Jesus estava em pé de igualdade com divindades de cura, como Asclépio.

Finalizo esta resenha com uma avaliação positiva sobre a obra. A linguagem é simples e bem acessível ao público leigo. Embora não se aprofunde em conceitos e em discussões teórico-me-

metodológicas, o livro é bem-sucedido naquilo a que se propõe, que é o de ser uma apresentação histórica introdutória de um tema complexo e permeado de preconceitos para leitores ávidos por conhecer o Jesus da História.